



## ATUALIDADES: ÁFRICAS EM MOVIMENTO(S)

### ENTREVISTA



### A ÁFRICA, A NIGÉRIA E OS IORUBÁS: DIÁLOGOS COM O BRASIL, ONTEM E HOJE.

*Entrevista de Félix Ayoh'Omidire. Por Antonio Gomes de Jesus Neto*



65

Félix Ayoh'Omidire  
Professor Titular de Línguas, Culturas e  
Literatura na Obafemi Awolowo University,  
Ile-Ife, Nigéria  
<https://orcid.org/0000-0001-5455-412X>  
Contato: [feliomidire@gmail.com](mailto:feliomidire@gmail.com)

Antonio Gomes de Jesus Neto  
Programa de Pós-Graduação em Geografia  
Humana (PPGH), Universidade de São  
Paulo;  
Pesquisador do GeoÁfrica  
<https://orcid.org/0000-0001-7483-7274>  
Contato: [antoniojneto@yahoo.com.br](mailto:antoniojneto@yahoo.com.br)

Como citar:  
OMIDIRE, F. A. JESUS NETO, A. G. A África,  
a Nigéria e os iorubás: diálogos com o Brasil,  
ontem e hoje. Entrevista de Félix Ayoh'Omidire.  
**Boletim GeoÁfrica**, v. 2, n. 6, p. 65-69, abr.-jun.  
2023.

**Félix Ayoh'Omidire** é Professor Titular de línguas, culturas e literaturas franco-luso-afro-brasileiras e afro-latino-americanas na Obafemi Awolowo University, Ile-Ife, Nigéria, onde foi também Diretor do Instituto de Estudos Culturais (2017-2022). Possui Licenciatura e Mestrado pela mesma IES, e Especialização em Português (Língua Estrangeira) pela Universidade do Porto, Portugal (1998). Possui ainda Especialização em Metodologia do Ensino da Língua Francesa e Literatura Africana de Expressão Francesa pela Université Nationale du Bénin, (CEBELAE/UNB), em Cotonou (2001). Recebeu o título de Doutor em estudos literários, culturais e étnicos afro-brasileiros pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) em 2006. De 2002 a 2006, foi professor e coordenador do curso de língua, cultura e civilização iorubanas no Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO/UFBA). Desde 2008, coordena o Posto Aplicador do exame (CELPE-BRAS) do Ministério de Educação (MEC/INEP) para a Nigéria e os países vizinhos da África Ocidental. Atua também como consultor para diversas agências e ministérios brasileiros na implementação da Lei 10.639/03. De 2018 a 2022 foi Professor Visitante no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura da UFBA, onde continua até hoje como quadro permanente e também orientador pedagógico para o curso de extensão em língua e cultura Yorubá, oferecido pelo NUPEL. Em 2023, foi contratado como Professor Visitante de Estudos da Diáspora Africana na Universidade Humboldt de Berlim, Alemanha. É pesquisador sênior da Fundação Alexander von Humboldt e da Agência DAAD (Alemanha). Desde 2003, presta serviços de assessoria em língua, cultura e tradução nagô-iorubanas para produtoras de cinema, documentários, museus e autores nos dois lados do Atlântico Negro.



## **Entrevista com o Professor Félix Ayoh'Omidire**

Idealizador da teoria literária conhecida como *YoruBaianidade* e do conceito de *Orality* (que discutem a ontologia e epistemologia iorubá-africanas como elementos basilares na construção da identidade cultural nas sociedades afro-latino-americanas, tais como no Brasil, Cuba, Trinidad e Tobago, Colômbia, Porto Rico, Haiti, Venezuela e EUA), o professor Félix Ayoh'Omidire gentilmente nos concedeu esta entrevista, por e-mail, no dia 15 de junho de 2023. Suas construções teóricas, abordadas nos parágrafos que se seguem, foram amplamente defendidas em palestras e pesquisas apresentadas nos mais diversos contextos, em vários países dos cinco continentes.

**GeoÁfrica.** *Professor, antes de tudo muito obrigado por aceitar conversar conosco no GeoÁfrica. Para começar, o senhor poderia nos contar um pouco sobre sua trajetória acadêmica? Sabemos que o Brasil foi parte importante de sua formação, então gostaríamos de entender como o senhor veio para cá, e de que maneiras essas relações vêm se mantendo até hoje.*

Nasci na Nigéria, na cidade de Ile-Ife, terra ancestral e berço da civilização yorubana, onde tive boa parte da minha formação acadêmica estudando línguas e literaturas estrangeiras (Francês e Português) na Obafemi Awolowo University (antiga Universidade de Ifé). Meu primeiro contato com o Brasil se deu em 1990, quando fui aluno de intercâmbio na UFBA, e de lá para cá tenho mantido uma relação super estreita com o Brasil, sobretudo com minhas pesquisas sobre a identidade cultural, que levou à publicação do meu livro *YoruBaianidade* em 2020. A história dessa minha trajetória no Brasil (e no resto da América Latina) talvez não caiba numa entrevista como esta, pois, como se diz, muitas águas passaram debaixo da ponte nesses últimos trinta e tantos anos.

**GeoÁfrica.** *O professor tem um poema intitulado “Não conheço tua África”, onde a visão geral que o Brasil tem do continente é confrontada com a realidade africana vivenciada no seu dia-a-dia. Qual seria essa imagem que o Brasil tem da África, e qual seria a África que você conhece?*

Sim. Esse poema, que foi publicado na minha coleção de poemas intitulada *Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come: A Poetics of Becoming Across the Waters of the Negro Atlantic* (2017), foi escrito no auge do meu intenso diálogo com o Brasil e com os brasileiros a respeito da identidade afro-diaspórica, quando descobri que, no Brasil, existiam duas Áfricas no imaginário dos brasileiros de modo geral – e tragicamente, isso não dependia da cor da pele das pessoas



envolvidas. Descobri efetivamente que, mesmo no imaginário dos brasileiros mais militantes da causa negra, duas Áfricas se alteram na sua relação com a África. Uma é a África boa, uma África nobre, ilustre e criativa da qual todos afro-brasileiro gostaria de se orgulhar. Porém, para muitos, essa África ficou no passado! Era a África dos orixás e heróis culturais ketu-nagô-yorubanos, a África das rainhas Nzingas e dos inkisis do antigo Kongo, das guerreiras Acotirene e Dandara que enfrentavam a escravidão e cuja memória serve até hoje para afirmar a humanidade e a grandeza dos povos africanos. Por outro lado, descobri que as mesmas pessoas que se orgulhavam dessa África, guardam também no imaginário uma outra África, menos desejada. Trata-se de uma África miserável, de fome, guerras etc. enfim, a capital mundial do atraso contemporâneo em todos os sentidos. Essas duas Áfricas convivem ativamente no imaginário dos brasileiros, e muitos não conseguem enxergar a incongruência de tal imaginário. É como se a África antiga, gloriosa, não tivesse tido nenhuma ressonância na África moderna. Como se os valores que, no Brasil, são tidos como virtudes ancestrais, tivessem deixado de existir para os próprios africanos da era moderna. Muitos acreditam que o colonialismo teria destruído toda a identidade, grandeza e agência dos habitantes da África contemporânea de forma irreversível, e que essa África está fora da história contemporânea. Daí o meu tom de recusa no poema, no qual procurei expor o ledó engano dessa visão sobre a África, apontando tanto o exagero da suposta glória do passado, como a ingenuidade do Afro-pessimismo atual promovido pela mídia globalizada. A maior mensagem desse poema é convidar os brasileiros a atentar para a realidade da África na sua diversidade e complexidade, o que a insere nas mesmas realidades e nas dinâmicas dos demais continentes do mundo contemporâneo.

**GeoÁfrica.** *A Nigéria, como tantos outros Estados africanos, é uma unidade nacional que contém internamente uma miríade de outras unidades territoriais e culturais, como as regiões de maioria iorubá, ibo, hausa etc. Como está a discussão, hoje, sobre uma identidade nacional nigeriana? Qual o papel da cultura nesse processo?*

Essa é uma pergunta complexa. Isso porque, pensada em termos identitários, a Nigéria quiçá não exista enquanto uma entidade. Devido a uma série de questões ligadas à educação, ambição, valores religiosos, políticas ou sociais, a Nigéria acaba se apresentando como um território ocupado por centenas de povos com muito pouco em comum. Mas, o projeto de nação continua, e



não podemos descartar a possibilidade de um convívio menos atribulado no futuro próximo – desde que cada grupo constituinte consiga se reconciliar a suas incoerências internas, para poder enxergar os demais e seus direitos iguais na preservação do federalismo (mal compreendido até então).

**GeoÁfrica.** *O professor lançou recentemente um livro intitulado “YoruBaianidade”. Você poderia comentar um pouco mais sobre suas pesquisas acerca da identidade iorubá, e de que maneira ela faz parte também do Brasil (e mais especificamente da Bahia)? Existe algo de baiano nos iorubás também?*

Acho que já abordei um pouco dessa obra nas linhas precedentes. Trata-se de uma discussão teórica que tenta reunir o intenso diálogo que venho tendo ao longo de 30 anos de atuação no Brasil e no continente americano de modo geral, numa tentativa de entender como o aporte cosmogônico e epistêmico nagô-yorubano tem sido fundamental – ao lado, claro de outros aportes culturais vindo da África – no processo de construção de identidade cultural na chamada América-Latina.

68

**GeoÁfrica.** *Pensando no mundo contemporâneo, e como o professor está sempre atravessando o Atlântico, o que seria possível dizer sobre esses fluxos hoje? Quem são os nigerianos que vêm para o Brasil atualmente, e para onde eles vêm? No sentido oposto, por quais motivos os brasileiros têm voado para a Nigéria nas últimas décadas?*

Pergunta interessante! Interessante porque me faz lembrar da minha multiplicidade identitária. A depender de se penso como Nigeriano ou Yorubano, a resposta a este “estar-se no mundo” hoje vai exigir de mim tons distintos, e quiçá opostos. Por isso, talvez não queira responder neste momento a essa pergunta.

**GeoÁfrica.** *As relações Brasil-Nigéria foram muito intensas nos anos 1970 e 1980, mas desde então, outros países africanos foram se aproximando mais do Brasil também. Qual a visão que o professor tem de uma Cooperação Sul-Sul? Seria ela necessária, e mesmo possível, apesar de suas contradições inerentes? Há algo que a Cooperação Sul-Sul ofereça, que não pode ser encontrado nas relações com o Norte?*



Começando pela segunda parte da sua pergunta, responderia com um “sim” incondicional! As relações e colaborações Sul-Sul são, e continuam cada vez mais, desejáveis e necessárias nos tempos atuais, pois há sim algo que a Cooperação Sul-Sul oferece que será difícil encontrar na relação Norte-Sul. A maior, talvez, seja a transversalidade, como se vê pelo poder de negociação que o presidente Lula aciona no seio do BRICS e dos G20.

***Algumas publicações de Félix Ayoh’Omidire:***

Nosso entrevistado é autor de 16 livros e mais de 100 artigos científicos na área de literatura e de estudos culturais e étnicos afro-latino-americanos. Dentre as suas obras principais destacam-se, em ordem de publicação:

OMIDIRE, Félix Ayoh. **ÀKÓGBÁDÙN: ABC da língua, cultura e civilização iorubanas.** Salvador : EDUFBA / CEAO, 2004.

\_\_\_\_\_. **Àkójopò Ìtàn Àtenu dénu Ìran Omo Odùduwà ni Ile Bahia.** Tradução em yorubá de “Contos Crioulos da Bahia” de Mestre Didi (Deoscóredes Maximiliano dos Santos) para edição trilingüe. Salvador : Niger Okan, 2004.

\_\_\_\_\_. **PÈRÈGÚN e outras fabulações da minha terra (contos cantados iorubá-africanos).** Salvador : EDUFBA, 2006. + CD

\_\_\_\_\_. **Multiculturalismo, desenvolvimento e a luta pela plena cidadania dos Afrodescendentes em América Latina e no Caribe.** Lagos: Concept Publications. 2012

\_\_\_\_\_. **Peregún y otras fabulaciones de mi tierra.** Traducción al español Rodolfo Alpízar Castillo. La Habana: Editorial Arte y Literatura. Cuba, 2015.

\_\_\_\_\_. **Oxente! Viva o português brasileiro.** Edição atualizada e ampliada. Lagos: FOBEH Publishers. 2016.

\_\_\_\_\_. **Se correr o bicho pega, se ficar o bicho come: A Poetics of Becoming across the Waters of the Negro Atlantic.** Lagos: FOBEH Commercial Enterprises. 2017.

\_\_\_\_\_. **Èkó Dára!** Curso Básico de Língua e Cultura Yorubá. Salvador : Segundo Selo, 2020

\_\_\_\_\_. **YoruBaianidade: Oralitura e matriz epistêmica nagô na construção de uma identidade afro-cultural nas Américas,** Salvador: Segundo Selo, 2020.